

## UMA CARTOGRAFIA AUTOBIOGRÁFICA A PARTIR DE PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

RONALDO LUÍS CAMPELLO<sup>1</sup>; URSULA ROSA DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL 1 – [ronaldo.campello@hotmail.com](mailto:ronaldo.campello@hotmail.com)

<sup>2</sup> Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – [ursularsilva@gmail.com](mailto:ursularsilva@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Como muitos músicos que habitavam o território underground nacional no fim dos anos '90, e que não tinham acesso aos recursos tecnológicos e de informação que hoje temos - internet, a escrita de cartas pessoais era comum. Cartas ao custo de ¢ 0,01 que percorriam distâncias enormes, e serviam para a divulgação, troca/venda, shows, entrevistas ou fazer amigos simplesmente... Era o modo como se transitava às margens da grande mídia e se produzia arte. Uma arte brotada em acordes dissonantes, vocais guturais e literatura carrancuda: Edgar Allan Poe, H. P Lovecraft, Charles Baudelaire, Augusto dos Anjos, Álvares de Azevedo, Cruz e Souza, e outros menos soturnos; mas, não menos importantes: Dante Alighieri, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, e, já, arriscava querer dialogar com Zaratustra [Nietzsche]. Aí talvez esteja o cerne do artista que um dia se tornou professor. Pesquisador. Pois, hoje ao andarilhar pelos caminhos de sua docência a questiona a partir de dúvidas [mais] e certezas [menos] de um fazer que se faz cotidiano.

Neste período, fins da década de 90, foi um momento onde o chão se abriu e as fundações construídas sobre bases frágeis desvaleram-se e mudanças foram imperiosas. O que se acreditava sólido ruiu. Novos ares para um pulmão convalescido se tornaram necessários. Um novo 'CEP' se adotou, e com ele o que acarretam as mudanças. Uma mudança forçada na afoiteza das vontades. Não havia mais nada. Somente as cartas.

Era no movimento de escritas de cartas que se conheciam pessoas de todos os estados do país e de fora dele. Mantendo diálogos maiores com uns, com outros menos. Conhecendo alguns pessoalmente, outros não. Conhecendo-se um pouco mais ou menos a cada nova carta que ia ou vinha. A cada poema que compunha ou lia...

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho se faz no mestrado em Artes Visuais da UFPEL surge de um palimpsesto, é uma pesquisa que busca a partir de meu objeto de pesquisa, cartas pessoais; cartografar encontros, acontecimentos, a partir de práticas de escrita e leitura de um grupo de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma escola estadual onde este grupo se corresponde com outros, também estudantes. "A correspondência é também um exercício pessoal, ao escrever lemos o que escrevemos, [...] é uma maneira de se manifestar para si e para o outro", (ORRÚ e ANDRADE, 2009).

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFPEL o ato de escrita me põe em movimentos de ida e volta, tanto em sua escrita quanto leitura, e aqui faço cartografia, e penso os processos de subjetivação docente que me colocam em movimento, e dos quais busco a partir do uso da escrita me construir, desconstruir e reconstruir, sempre estando em outros lugares, sempre estando em devir...

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É dos lapsos cruéis de realidade que busco escapar, e na procela herética da palavra-poesia cavalgar tropéis pueris de palavras-cambaleantes tendo abaixo dos véus de meus olhos poeira e vento que transcendem em uma artesanaria, de fazer-ser, aguçar, sentir e buscar alcançar no febril verbo notas dissonantes que escapam em um vir a ser... Desterritorializando processos micropolíticos impulsionando um corpo que oscila em uma palavra-poesia, um professorado e um estado de arte. Um cuidado de si talvez? Um fazer-ser professor-pesquisador-poeta-andarilho, que anda as margens de uma educação maior, com sinais possíveis de uma prática menor, catando tudo que serve, ou pode servir para descolonizar um pensamento-escravo, submisso a ditos e não ditos, que se escondem nas capilaridades do aprender. O aprender é uma arte “que consiste em um processo a ser incessantemente recomeçado” (DELEUZE, 2005, p. 1184).

Por onde caminhar em meio ao caos que agora desenho com o sangue que inunda as palmas de minhas mãos? Por onde esgueirar-me se no silêncio que ocupo os ruídos de minha escrita escapam, pois, precisaras saber que apaguei todas as trilhas que havia construído com os signos de minha escuta e verbo que me habitam e criam palavra...

Deles o que me habita são poucos sonhos... Até mesmo as pegadas não as tenho mais... O deserto fechou suas portas e dele não colho mais seus aromas, somente o sol me brinda as faces impondo-me que ande com os ombros curvados procurando alguma trilha, uma fugidia visão, uma febre...

Não busco na homeopatia das ervas a cura, mas em seus vapores deixar este plano, tomar distância e observar, como o pássaro que do alto me reprimi, o platô por onde me perco.

Ouçã o vazio cavalgar a ímpia tempestade que verga os carvalhos que tocam os céus... É ali neste vazio, no entre que o ruído de minha escrita escapa, e dele o que faço é temperar a febre que arde em meus pulmões... É desejo de tecer textos, tramar teias, tecidos, trair, decepçionar, pois a decepção é uma troca, ela nunca é só. São como linhas aferentes e eferentes que correm em via de mão dupla. Só há entrega quando esta é recíproca e escrever é uma entrega.

A escrita encontra cada um de nós em uma velocidade distinta... Tira-nos as máscaras da ignorância que constroem muros, prisões que nos aprisiona em um verbo falacioso em nome de outrem, é preciso então retirá-las, pois atrás destas existirão outras, que precisam ser removidas, uma a uma, para escaparmos do habitual; de este modo nos constituirmos distintos buscando nos encontrar em um novo lugar. Escrever abrem-nos fissuras na pele, rasga-nos a carne, cria procetas ou simplesmente nos passa como uma suave brisa, nos provoca quedas, fraturas... Pensar dói. Faz-nos retirar chaves de um claviculario e abrimos ou fechamos portas que queremos abrir ou cerrar... É “encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade, ou de indiferenciação, tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (DELEUZE, 1997, p. 11), escrevo para pegar estas chaves, pois escrever é afeto.

Recorrer às ruínas de minhas memórias para pensar sobre escrita é abrir o chão sob meus pés. É buscar compreender antes a leitura. “A leitura é um jogo que se joga em solidão e em silêncio” (LARROSA, 2015, p. 111), ler envolve o tocar, sentir, perceber, demorar, durar; envolve acalmar espíritos inquietos e deles obter dos ruídos que se faz no tropel de seus cascos, melodia, na leitura é onde apanho pedaços que sobram de outras literaturas, histórias, falácias e sopros de vontade, e o que escapa deste silêncio, produzindo deste modo ruídos, e destes ruídos o que fica é escrita, e modifica o que antes era silêncio e agora é palavra.

Agora a palavra toma vida, cria corpo. O que antes não existia e estava em silêncio, agora busca espantar-se. Percorrer as ruínas de minha memória para organizar o caos instaurado em minhas lembranças e buscar a solidão de minha consciência para compor/agenciar, pois “as palavras comuns começam a nos parecer sem qualquer sabor ou anos soar irremediavelmente falsas e vazias” (LARROSA, 2015 p. 07). Escrever é uma provocação, uma afronta que gera encontros, “minha escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. Minha solidão está povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens” (PÉREZ, 2003, p. 01). Busco essa solidão para encontrar-me com outros que me habitam, transitam, agenciam-se em mim e por entre mim; que estão no sangue de minhas veias, no suor de minha pele, nas rugas de minhas faces, nas formas sensíveis de sentir como sinto a brisa que me toca. Busco a solidão, pois ela “só é boa quando voluntária”<sup>ii</sup> é nela que tais encontros agenciam [os] outros que se mostram na palavra-verbo-texto-escrita. “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16), um ‘eu’ singular e tão particular que se oculta sob véus de matizes distintas.

A escrita algo tão primitivo, tão necessário, tão particular, expressar-se um pouco ou muito de si. Escrever como um ato de criação, um ato de perigo muito mais complexo do que se pode pensar. Expressar-se, um deixar-se ver, transparecer vontades. Desejos...

#### 4. CONCLUSÕES

Assim sendo, problematizar o ato de escrever como processo de subjetivação é cartografar é pôr-me em movimento, pois escrever me afeta, se me afeta faço cartografia, e ao querer saber sobre problematizando minha docência antes de tudo, penso em formação, faço formação. É como os poemas que componho que nunca estão acabados, são rascunhos, de rascunhos de algo que esta por vir, algo que esta para chegar e não chega, são as reticências que uso, sempre a espreita, sempre buscando querer dizer algo que ainda não ganhou verbo, que ainda não rompeu as naves escuras do pensamento e absorveu luz. Minhas reticências são andarilhas assim como sou, um andarilho “formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar” POZZANA, (2014).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

\_\_\_\_\_. Crítica e Clínica. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2003, Nº 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> acessado em 15/05/15.

\_\_\_\_\_, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*/ texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5, Ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

ORRÚ, Carla Maria dos Santos Ferraz. ANDRADE, Marieta Benedita de Paula. **15º SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA APLICADA**. A escrita de si e o caráter revelador da escrita em textos não verbais. 2009. (Seminário). Disponível em:  
[http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes\\_orais/artigocarla\\_maria\\_marieta\\_benedita.pdf](http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigocarla_maria_marieta_benedita.pdf)> acessado em 22/09/15.

PÉREZ, C. L. V. *Imagens Caleidoscópicas: as narrativas autobiográficas na formação das professoras alfabetizadoras*. In: 2º Seminário Internacional: As redes de conhecimento e a tecnologia: imagens e cidadania, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:< [http://www.lab-eduimagem.pro.br/ frames](http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames)> acessado em 23/09/15.

POZZANA, L. **A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e afetabilidade**. *In Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* / organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).

---

<sup>i</sup>O Código de Endereçamento Postal (CEP) foi criado pela empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em maio de 1971, com a finalidade de racionalizar os métodos de separação da correspondência por meio da simplificação das fases dos processos dentro dos Correios. Disponível em: < <http://www.correios.com.br/precisa-de-ajuda/busca-cep>> acessado em 21/06/19.

<sup>ii</sup>Trecho da música ‘solidão’ da banda de dark metal m26 que compõe o CD Misanthropia 2015. Independente.